

Acervo Literário na UPF tornou-se referência para celebração do centenário do autor, completado em 2021

reportagem cultural

GUARDANDO A MEMÓRIA DE JOSUÉ GUIMARÃES

Porto Alegre, 1, 2, 3 e 4 de abril de 2021
- Nº 13 - Ano 25

viver.

Rafael Gloria, especial para o JC

O Acervo Literário de Josué Guimarães (Aljog), sob responsabilidade da Universidade de Passo Fundo (UPF), cumpre o papel de manter o legado do escritor vivo a partir da conservação e pesquisa da sua obra e trajetória. Com mais de 8 mil itens, há no acervo objetos pessoais (como óculos, echarpes, projetos de slides do autor), documentos, fotos, manuscritos originais, correspondência, esboços, notas, além de parte da biblioteca pessoal do autor. Ao mesmo tempo, o arquivo tornou-se um referencial para a celebração do centenário do autor, completado neste ano.

O coordenador e professor Miguel Rettenmaier lembra que um acervo literário é um espaço de memória. “Os itens que estão ali resguardados, classificados, catalogados e higienizados, são objeto de pesquisa tanto quanto o próprio processo de preservação e organização dos itens”, diz. São esses vestígios do autor de *Camilo Mortágua* que ajudam na compreensão da história da produção e da recepção literária.

Na década de 1990, acervos de escritores fundamentais da história do Estado, como Erico Verissimo e Mario Quintana, começaram a ser organizados por professoras como Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman. Em 1996, Nydia Guimarães, a viúva de José, cedeu à Pucrs arquivos, documentos e materiais, que ficaram sob a tutela da professora Maria Luiza Ritzel Remédios. “A partir daí se iniciaram minhas pesquisas, que deram possibilidade de dissertação e tese de doutorado orientadas por Maria Luiza”, conta Rettenmaier. Mais tarde, ele se tornaria professor e coordenador na UPF.

Em 2007, segundo Adriana Guimarães, filha mais jovem do casal, devido à troca das organizadoras, o material foi levado para Passo Fundo. “Minha mãe tomou a decisão de enviar o acervo para a UPF sob os cuidados do Miguel, pois além de ter sido aluno na Pucrs, era um entusiasta da obra do meu pai e conhecia profundamente o material. Minha mãe tinha laços familiares em Passo Fundo, o início da Jornada Literária teve a participação dos dois, já existia ali uma relação de confiança”, explica. O espaço faz parte da infraestrutura do curso e do Programa de Pós-Graduação em Letras da universidade.

A maioria das pesquisas e bolsistas envolvidos no trabalho são da área de Letras. “Mas toda e qualquer pesquisa em acervo tem uma natureza transdisciplinar. Em nosso caso, jornalismo, historiografia, tecnologia, educação, dentre outras áreas, são links sempre abertos na investigação”, explica Rettenmaier. Desse tempo todo, já resultaram diversas pesquisas acadêmicas, entre níveis de graduação, mestrado e doutorado.

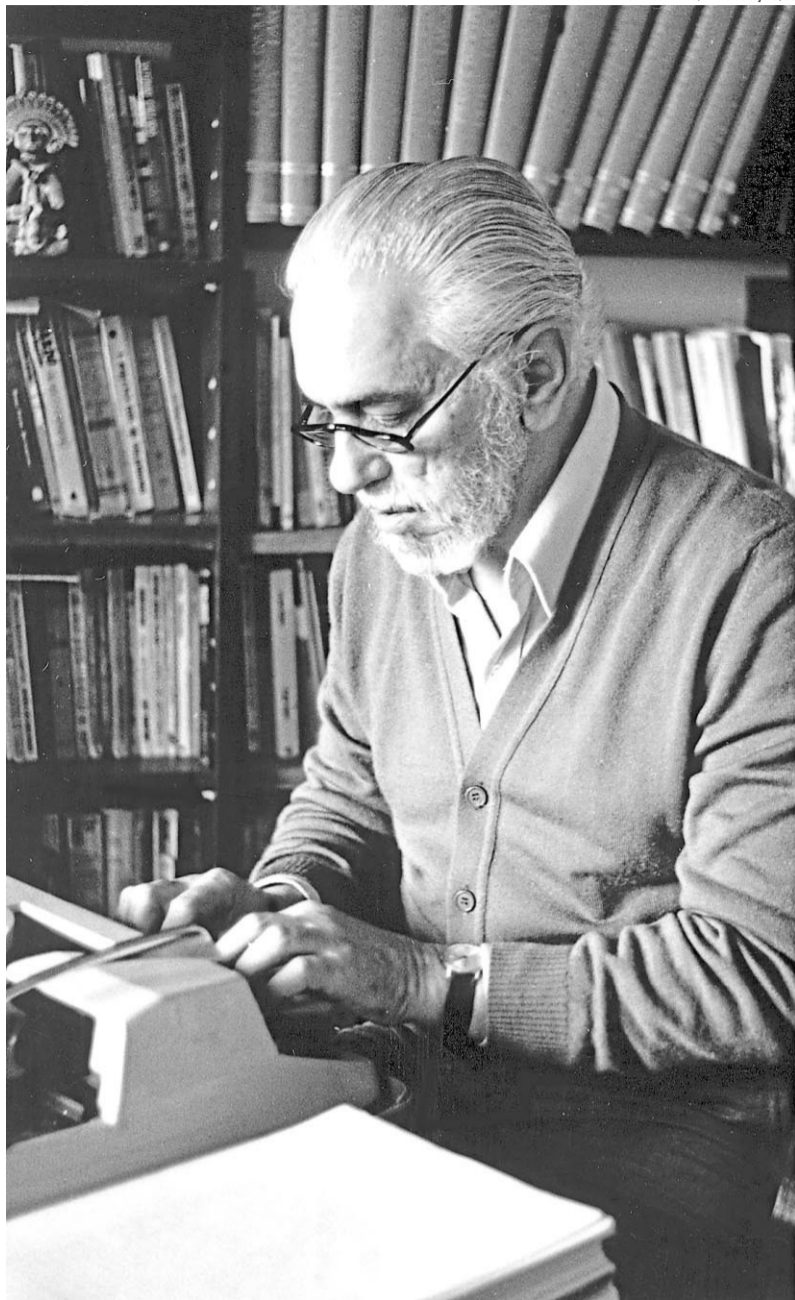
Bruna Santin está atualmente no mestrado em Letras da UPF, pesquisando as missivas de Josué Guimarães. Em sua pesquisa, pretende fazer um percurso histórico, escritural, chegando até aos limites íntimos do processo de criação literária do escritor. “O trânsito epistolográfico de Josué ocorria não somente com personalidades literárias marcantes da época, mas com familiares, amigos, editores e leitores. Quando esses últimos correspondentes entram em cena, os aspectos da literatura do autor ganham voz e sentimento, já que alguns passam a narrar suas experiências de leitura ao escritor, de forma bastante particular e, por vezes, confessional e sentimentais”, explica. Ao todo, existem, aproximadamente, 500 missivas, contando com alguns telegramas e bilhetes. Entre as cartas, estão trocas com escritores como Erico Verissimo e o jornalista e humorista Millôr Fernandes. “Os amigos me proibiram de admirá-los enquanto a censura, aos inimigos, me impede de esculhambar-los. Quê que há. Você tem sido um batalhador, um homem sincero e leal com os amigos. [...] Permite-me admirá-lo?”, escrevia Millôr para Josué em 1973, durante a ditadura militar, período em que o escritor foi perseguido.

Para abranger um maior público, encontra-se em fase de digitalização parte do acervo de Guimarães. “Essa não é a parte mais difícil, já que dispomos de equipamentos, scanners muito modernos. A grande questão é a ferramenta de consulta e pesquisa remota. Ela está em construção”, diz o coordenador. Isso vai permitir a pesquisa remota de todas as textualidades catalogadas no acervo, que é dividido em duas partes. Uma delas é restrita à pesquisa e só dá acesso a pessoas autorizadas, tendo em vista a necessidade de cuidado com os materiais acondicionados. A parte de exposição, com vitrines e cartazes, é livre aos usuários da Biblioteca da UPF e demais interessados.

Leia mais na página central

reportagem cultural

IVAN PINHEIRO MACHADO/DIVULGAÇÃO/JC



Já consagrado, Josué Guimarães começou a produzir para público infantil

Escrevendo para crianças

Rafael Gloria*

Josué Guimarães já era um autor consagrado quando começou a escrever para o público infantil - talvez uma faceta menos conhecida do seu trabalho literário. Seu primeiro livro nesse segmento foi *A Casa das Quatro Luas* (1979), seguido por *Era uma Vez um Reino Encantado* (1980), *Xerloque da Silva em O Rapto da Dorotéia* (1982), *Xerloque da Silva em Os Ladrões da Meia-Noite* (1983), *Meu Primeiro Dragão* (1983) e *A Última Bruxa* (1986).

Para Vera Teixeira de Aguiar, doutora em Teoria da Literatura e professora titular aposentada da Pucrs, talvez o contato com os leitores, prática de sucesso do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul (IEL), tenha incentivado Guimarães a produzir também para o público mais jovem. “Mas esse não é um movimento singular: vários escritores fizeram o mesmo antes dele, desde o fim do século XIX, Figueiredo Pimentel, por exemplo, e o início do século XX, como Olavo Bilac. Mais adiante, temos Monteiro Lobato, Viriato Correa, Graciliano Ramos, Erico Veríssimo e muitos outros”, explica. O escritor e doutor em Letras Caio Riter diz que escrever para a infância é investir, desde

cedo, na formação de leitores. “E que eles possam ler não como hábito, mas como exercício de uma postura liberta para dar seu sim às palavras literárias, lembrando que, uma vez leitor, sempre leitor”.

As razões para se dedicar a escrever para esse público podem variar, mas a qualidade do texto e as profundidades temáticas de Guimarães continuaram também para as crianças. Segundo Vera, em nenhum momento, ele sobrepõe elementos imaginativos e lúdicos, que atraem e divertem o leitor, àqueles pedagógicos, comprometidos com conteúdos ou conceitos morais, por exemplo. “Ao contrário, suas obras conversam com as do passado, trazem para o universo do leitor *Aladim* ou *Reino das Águas Claras*, entre outras personagens, espaços, cenas. Todos esses mecanismos vão enriquecendo o imaginário do leitor”, diz. Caio diz que em sua produção pode se observar a presença de um escritor que percebe o leitor-criança como alguém que pensa, não ditando regras e normas e abrindo espaço para a fantasia.

Publicado em 1977, o livro *É tarde para saber* conta a história de amor entre dois jovens. Para Vera, atualmente é possível considerá-lo um romance

voltado para o público jovem. “Conta a relação cheia de silêncios e vazios, devido à cortina de censura, que corrompe todas as relações humanas nos anos de chumbo da ditadura no Brasil. Na verdade, os jovens se apaixonam, mas não se conhecem, pois há um fosso entre a moça da zona sul carioca e aquele rapaz sem história, o guerrilheiro que só é identificado depois da morte”, explica a professora. Guimarães vai desenhando e sugerindo o clima sufocante da vida nacional no período da ditadura militar.

Caio Riter acredita que um dos maiores legados de Josué é justamente pensar a literatura como objeto artístico que dialoga com seu tempo. “Ele foi um autor que não se furtou de construir narrativas, muitas vezes mergulhadas no fantástico, que apontam, ainda hoje, para o aguçamento do olhar sobre a condição humana, expressando olhar revolucionário e crítico sobre a sociedade e seus (des)governos, sem contudo ser panfletário. A causa de Josué, expressa em romances como *Camilo Mortágua*, *Os tambores silenciosos* ou *É tarde para saber* é a causa da liberdade, sonho tão presente e cada vez mais necessário”, completa.

Memórias da filha

Adriana Guimarães, a filha mais nova do escritor, guarda com carinho a figura do pai. “Ele era muito presente e sempre bem humorado, a nossa casa sempre foi muito aberta, com muitas visitas, e ele e minha mãe (Nydia Guimarães) adoravam isso. Sempre tinha algum amigo morando ou passando uma temporada com a gente”, diz. A memória mais forte de Adriana é do tempo na casa na Rua Riveira, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre, onde o escritor viveu até sua morte, em 1986. “É muito difícil falar do meu pai sem citar a minha mãe, os dois se complementam, faziam tudo juntos, tinham uma sintonia imensa, eram grandes companheiros de vida”, explica.

Inclusive, no processo de escrita, Adriana conta que sua mãe ajudava na revisão, participando ativamente. “Ela era taquígrafa e excelente datilógrafa, ajudava muito na organização e na correção dos textos. Os dois passavam horas nessa rotina, mas intera-

gindo com as demandas do dia a dia”, conta. Mesmo com toda essa efervescência do cotidiano, ela revela que Josué possuía uma grande capacidade de concentração na hora de sentar para escrever. Apenas quando tinha uma ideia para um livro e começava a pensar sobre ele ficava mais disperso, distante e ansioso. “Ele formatava toda a história na cabeça, fazia pesquisas, passava um período mais tenso. Quando sentava na máquina ele mudava, escrevia com prazer, mesmo no meio da agitação da casa, ficava feliz, acho que eram os momentos de maior realização dele”, explica Adriana.

Na temporada em Portugal, que foi de 1974 a 1976, ela conta que muitos brasileiros exilados visitavam a sua família. “Minha mãe fazia arroz, feijão, farofa e picadinho à mão, dizia que era a comida mais brasileira de todas, de noite faziam festas com muito samba. Mesmo nos momentos mais difíceis eles estavam dispostos a estender a mão”, conta.

Nessa época, depois da volta para o Brasil e a ida para a casa no bairro Petrópolis em Porto Alegre, também começou a ser construída a casa de Canela, em 1983. “Ele se envolveu muito com o projeto e com a obra. Ele e a minha mãe passavam os finais de semana cuidando dos mínimos detalhes. Meu pai queria muito morar lá, poder ficar sossegado para escrever e, principalmente, terminar a trilogia *A Ferro e Fogo*. Tinha tudo planejado para o terceiro livro que seria sobre os Muckers”, conta.

Depois da morte de Josué, Nydia se mudou para Canela, em 1989. Lá continuou o que ela e seu marido tanto faziam tão bem: acolhendo artistas, amigos, recebendo familiares, e tornando a casa um grande ponto de encontro e de congregação. Além disso, Nydia tomou como missão tornar a cidade um local reconhecido pela sua arte e cultura. Desse modo, em 1991 conseguiu inaugurar a Fundação Cultural de Canela, tornando-se a sua pri-

IVAN PINHEIRO MACHADO/DIVULGAÇÃO/JC



Adriana Guimarães lembra do convívio nas casas do Petrópolis e em Canela

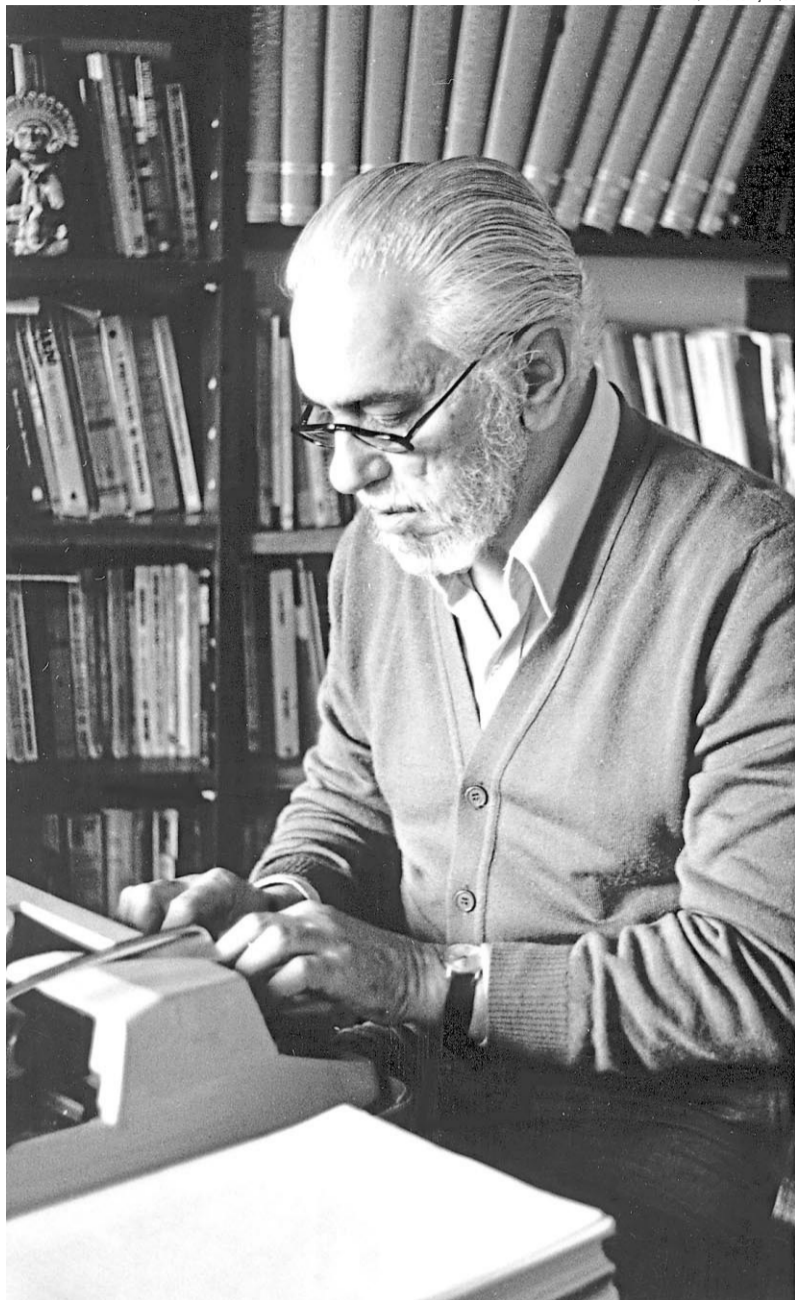
meira presidente. Atualmente, é justamente Adriana que ocupa o cargo. Josué Guimarães virou nome de rua, de biblioteca e da Feira do Livro Infantil na cidade. Nydia, por sua vez, ganhou um Espaço Cultural com seu nome.

Para Adriana, o legado de Josué reside em saber transformar em palavras o que ele via

e sentia. “As inquietudes humanas continuam as mesmas. O momento histórico é outro, mas a luta por uma sociedade mais igualitária continua, e a visão dele segue atual sobre todos os temas sociais e políticos abordados tanto nas obras literárias quanto nos textos jornalísticos”, finaliza.

reportagem cultural

IVAN PINHEIRO MACHADO/DIVULGAÇÃO/JC



Já consagrado, Josué Guimarães começou a produzir para público infantil

Escrevendo para crianças

Rafael Gloria*

Josué Guimarães já era um autor consagrado quando começou a escrever para o público infantil - talvez uma faceta menos conhecida do seu trabalho literário. Seu primeiro livro nesse segmento foi *A Casa das Quatro Luas* (1979), seguido por *Era uma Vez um Reino Encantado* (1980), *Xerloque da Silva em O Rapto da Dorotéia* (1982), *Xerloque da Silva em Os Ladrões da Meia-Noite* (1983), *Meu Primeiro Dragão* (1983) e *A Última Bruxa* (1986).

Para Vera Teixeira de Aguiar, doutora em Teoria da Literatura e professora titular aposentada da Pucrs, talvez o contato com os leitores, prática de sucesso do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul (IEL), tenha incentivado Guimarães a produzir também para o público mais jovem. “Mas esse não é um movimento singular: vários escritores fizeram o mesmo antes dele, desde o fim do século XIX, Figueiredo Pimentel, por exemplo, e o início do século XX, como Olavo Bilac. Mais adiante, temos Monteiro Lobato, Viriato Correa, Graciliano Ramos, Erico Veríssimo e muitos outros”, explica. O escritor e doutor em Letras Caio Riter diz que escrever para a infância é investir, desde

cedo, na formação de leitores. “E que eles possam ler não como hábito, mas como exercício de uma postura liberta para dar seu sim às palavras literárias, lembrando que, uma vez leitor, sempre leitor”.

As razões para se dedicar a escrever para esse público podem variar, mas a qualidade do texto e as profundidades temáticas de Guimarães continuaram também para as crianças. Segundo Vera, em nenhum momento, ele sobrepõe elementos imaginativos e lúdicos, que atraem e divertem o leitor, àqueles pedagógicos, comprometidos com conteúdos ou conceitos morais, por exemplo. “Ao contrário, suas obras conversam com as do passado, trazem para o universo do leitor *Aladim* ou *Reino das Águas Claras*, entre outras personagens, espaços, cenas. Todos esses mecanismos vão enriquecendo o imaginário do leitor”, diz. Caio diz que em sua produção pode se observar a presença de um escritor que percebe o leitor-criança como alguém que pensa, não ditando regras e normas e abrindo espaço para a fantasia.

Publicado em 1977, o livro *É tarde para saber* conta a história de amor entre dois jovens. Para Vera, atualmente é possível considerá-lo um romance

voltado para o público jovem. “Conta a relação cheia de silêncios e vazios, devido à cortina de censura, que corrompe todas as relações humanas nos anos de chumbo da ditadura no Brasil. Na verdade, os jovens se apaixonam, mas não se conhecem, pois há um fosso entre a moça da zona sul carioca e aquele rapaz sem história, o guerrilheiro que só é identificado depois da morte”, explica a professora. Guimarães vai desenhando e sugerindo o clima sufocante da vida nacional no período da ditadura militar.

Caio Riter acredita que um dos maiores legados de Josué é justamente pensar a literatura como objeto artístico que dialoga com seu tempo. “Ele foi um autor que não se furtou de construir narrativas, muitas vezes mergulhadas no fantástico, que apontam, ainda hoje, para o aguçamento do olhar sobre a condição humana, expressando olhar revolucionário e crítico sobre a sociedade e seus (des)governos, sem contudo ser panfletário. A causa de Josué, expressa em romances como *Camilo Mortágua*, *Os tambores silenciosos* ou *É tarde para saber* é a causa da liberdade, sonho tão presente e cada vez mais necessário”, completa.

Memórias da filha

Adriana Guimarães, a filha mais nova do escritor, guarda com carinho a figura do pai. “Ele era muito presente e sempre bem humorado, a nossa casa sempre foi muito aberta, com muitas visitas, e ele e minha mãe (Nydia Guimarães) adoravam isso. Sempre tinha algum amigo morando ou passando uma temporada com a gente”, diz. A memória mais forte de Adriana é do tempo na casa na Rua Riveira, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre, onde o escritor viveu até sua morte, em 1986. “É muito difícil falar do meu pai sem citar a minha mãe, os dois se complementam, faziam tudo juntos, tinham uma sintonia imensa, eram grandes companheiros de vida”, explica.

Inclusive, no processo de escrita, Adriana conta que sua mãe ajudava na revisão, participando ativamente. “Ela era taquígrafa e excelente datilógrafa, ajudava muito na organização e na correção dos textos. Os dois passavam horas nessa rotina, mas intera-

gindo com as demandas do dia a dia”, conta. Mesmo com toda essa efervescência do cotidiano, ela revela que Josué possuía uma grande capacidade de concentração na hora de sentar para escrever. Apenas quando tinha uma ideia para um livro e começava a pensar sobre ele ficava mais disperso, distante e ansioso. “Ele formatava toda a história na cabeça, fazia pesquisas, passava um período mais tenso. Quando sentava na máquina ele mudava, escrevia com prazer, mesmo no meio da agitação da casa, ficava feliz, acho que eram os momentos de maior realização dele”, explica Adriana.

Na temporada em Portugal, que foi de 1974 a 1976, ela conta que muitos brasileiros exilados visitavam a sua família. “Minha mãe fazia arroz, feijão, farofa e picadinho à mão, dizia que era a comida mais brasileira de todas, de noite faziam festas com muito samba. Mesmo nos momentos mais difíceis eles estavam dispostos a estender a mão”, conta.

Nessa época, depois da volta para o Brasil e a ida para a casa no bairro Petrópolis em Porto Alegre, também começou a ser construída a casa de Canela, em 1983. “Ele se envolveu muito com o projeto e com a obra. Ele e a minha mãe passavam os finais de semana cuidando dos mínimos detalhes. Meu pai queria muito morar lá, poder ficar sossegado para escrever e, principalmente, terminar a trilogia *A Ferro e Fogo*. Tinha tudo planejado para o terceiro livro que seria sobre os Muckers”, conta.

Depois da morte de Josué, Nydia se mudou para Canela, em 1989. Lá continuou o que ela e seu marido tanto faziam tão bem: acolhendo artistas, amigos, recebendo familiares, e tornando a casa um grande ponto de encontro e de congregação. Além disso, Nydia tomou como missão tornar a cidade um local reconhecido pela sua arte e cultura. Desse modo, em 1991 conseguiu inaugurar a Fundação Cultural de Canela, tornando-se a sua pri-

IVAN PINHEIRO MACHADO/DIVULGAÇÃO/JC



Adriana Guimarães lembra do convívio nas casas do Petrópolis e em Canela

meira presidente. Atualmente, é justamente Adriana que ocupa o cargo. Josué Guimarães virou nome de rua, de biblioteca e da Feira do Livro Infantil na cidade. Nydia, por sua vez, ganhou um Espaço Cultural com seu nome.

Para Adriana, o legado de Josué reside em saber transformar em palavras o que ele via

e sentia. “As inquietudes humanas continuam as mesmas. O momento histórico é outro, mas a luta por uma sociedade mais igualitária continua, e a visão dele segue atual sobre todos os temas sociais e políticos abordados tanto nas obras literárias quanto nos textos jornalísticos”, finaliza.